

MENEGUETTI, Bruna. O último tiro da Guanabara. São Paulo: Reformatório, 2019. 304 p.

Daiane Oliveira¹
Universidade Federal de Santa Catarina

A história do Brasil vem sendo marcada por uma série de golpes e tentativas de golpes que buscam a centralização do poder através de medidas coercitivas desde sua “independência”, em 1822, com a dissolução, pelo Exército, da Assembleia Constituinte. O fim do Império e a instauração da República, em 1889, também dá-se através de uma intervenção militar. Em 1937, outro golpe de Estado é deflagrado pelo então presidente Getúlio Vargas, que determina o fechamento do Congresso Nacional e centraliza em si, enquanto ditador, todos os poderes em um governo autoritário denominado de Estado Novo, chegando ao fim apenas em 1945. Em seguida, temos um curto período democrático, mas em 1955, surge mais uma ameaça de golpe. Juscelino Kubitschek e seu vice, João Goulart, haviam ganhado as eleições, mas forças contrárias se organizavam para impedir a posse dos candidatos democraticamente eleitos. É esse período de tensão e tentativa de golpe que Bruna Meneguetti, jornalista e autora de outro romance histórico, *O céu de Clarice* (2017), escolhe abordar em *O último tiro da Guanabara*, publicado em abril de 2019, pela editora Reformatório.

Em seu último romance histórico, Bruna Meneguetti justapõe ficção e história na construção de uma narrativa que explora a tentativa de mais um golpe militar, que poderia ter antecipado o de 1964, como a autora explica no epílogo do romance. As personagens tentam a todo custo evitar que o golpe aconteça, e principalmente, que a população seja afetada. O prólogo do romance apresenta parte do desfecho dos acontecimentos do dia 11 de novembro de 1955, quando tiros de canhão estão sendo disparados contra o Tamandaré, navio de guerra que levaria o presidente Carlos Luz para São Paulo, onde ele imaginou que teria apoio para consolidar o golpe. Esse foi o último dia em que tiros de canhão foram disparados na Guanabara.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGET-UFSC); Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários (PPGI-UFSC); Graduada em Letras - Língua Inglesa e Literaturas também pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI-UFSC) e do Grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil (UFF). E-mail: daiane.deao@gmail.com.

No romance, um vidente cego, Isaías Monteiro, é contratado por Juscelino Kubitschek para fazer previsões que possivelmente ajudariam a desarticular a tentativa de golpe. Outra figura chave para os acontecimentos é a personagem Cecília Gomes, que havia criado um grupo de mulheres com o intuito de abrir espaço para o debate sobre o papel das mulheres na sociedade. Em uma das reuniões, o livro escolhido é *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Os encontros, que inicialmente se direcionavam ao compartilhamento de leituras e conversas sobre problemas pessoais, logo mudam de foco e as discussões se voltam para a política brasileira. Algum tempo depois, estas mulheres se envolveriam diretamente nas ações que evitaram que houvesse um golpe em 1955.

Além de enfatizar a importância do grupo de mulheres e a participação de seus membros na desarticulação do golpe, Bruna Meneguetti traz diversas passagens nas quais comportamentos machistas são expostos e criticados, algo que nem sempre aparece tão explicitamente em obras literárias. Numa dessas passagens, a narradora faz o seguinte comentário: “...dissera que as mulheres deveriam poder ir sozinhas para onde bem entendessem. A verdade é que não acreditava de fato nisso. Os homens, tolos, só percebiam suas regras estúpidas quando elas os incomodavam. Tão logo paravam de afetá-los, voltavam a defende-las com unhas e dentes” (Meneguetti, 2019, p. 150). Em outra passagem, a personagem Penélope Barros, repórter no Tribuna da Imprensa, é constrangida pelos olhares masculinos: “A moça sentou-se ao mesmo tempo em que puxava a saia para baixo, buscando evitar outro olhar constrangedor na sala cheia de homens, mas o movimento foi inútil” (Meneguetti, 2019, p. 245). Situações como estas permeiam a narrativa de *O último tiro da Guanabara*, chamando atenção para alguns dos problemas enfrentados por nós mulheres numa sociedade patriarcal.

Logo nas primeiras páginas do romance, descobrimos que Isaías e Cecília tinham sido amigos de infância, mas a vidência de Isaías foi um empecilho para que a amizade, ou talvez o amor, fosse possível entre eles. O reencontro dos dois é marcado pelo medo de Cecília, talvez provocado pelo desconforto de estar próxima de alguém que conseguia ler seus pensamentos e ver seu futuro, e pela emoção de Isaías ao reencontrar alguém que tinha sido repentinamente afastado dele em sua infância. Pouco depois de reencontrá-la, Isaías consegue ver que, assim como a democracia, a vida de Cecília tem os dias contados. Acompanhamos, então, a tentativa de salvamento da democracia, que estava sendo ameaçada pelo jornalista Carlos Lacerda, os udenistas e por parte dos militares, e o salvamento da vida de Cecília, que pode, talvez, ser entendida como uma metáfora da democracia.

Outra figura importante para o desfecho dos acontecimentos é o ministro da Guerra Henrique Lott, que precisava ser convencido por Isaías a permanecer no cargo no intuito de articular o contragolpe e garantir que Kubitschek pudesse assumir a presidência no ano seguinte. Como nos informa Bruna Meneguetti, através de sua cuidadosa pesquisa historiográfica, Henrique Lott teria declarado à imprensa que: “A melhor das ditaduras seria, sempre, pior que o pior dos governos democratas” (Meneguetti, 2019, p. 298).

As conversas sobre política e a importância da manutenção da democracia estão presentes do início ao fim do romance, principalmente porque um dos personagens principais, Isaías, que teria o papel de interferir nos acontecimentos, não estava a par da intrincada situação política do Brasil. Sua análise das questões políticas dos anos anteriores é ingênua, e sua visão atual dos acontecimentos é fragmentada e confusa. A personagem Cecília, bastante engajada politicamente, tenta, então, fomentar o desenvolvimento da criticidade de Isaías através muitas conversas. A retomada de outros períodos da história durante o diálogo dos dois personagens, como, por exemplo, a discussão sobre o governo de Getúlio Vargas, tinha o objetivo de fazer com que Isaías compreendesse os danos causados por uma ditadura e de mostrar que o Brasil estava prestes a entrar novamente num período como aquele.

Em *O último tiro da Guanabara*, acompanhamos cinco dias de tensões e ameaças, mas sobretudo de diálogos e articulações. As personagens ficcionais convivem e dialogam com as personagens históricas, as falas destas são, com frequência, retiradas de entrevistas, o que não impede que elas sejam confrontadas pelos personagens criados por Bruna Meneguetti. O golpe é por fim evitado, mas não sem antes amedrontar parte da população que viu canhões de um navio de guerra apontados em sua direção. Nesse momento, vê-se a “democracia em vertigem”, para fazer referência ao documentário da cineasta Petra Costa, que também aborda a fragilidade da nossa democracia, em seu documentário lançado em 2019. Os ecos dessa fragilidade fazem parte do nosso presente; O golpe que sofremos em 2016, com a impeachment da presidenta Dilma Rousseff, entre outros acontecimentos, reflete a debilidade da democracia no Brasil.

Em tempos em que mais uma vez a nossa democracia está em risco, talvez dando seus últimos suspiros, *O último tiro da Guanabara* chega para nos lembrar um episódio importante da nossa história. Essa obra, ganhadora do Primeiro Edital de Publicações de Livros da Secretaria de Cultura de São Paulo, serve de alerta para diversas questões, principalmente para nos lembrar do perigo da ingenuidade no que se refere às questões políticas e das consequências da falta de articulação diante de grandes ameaças, como a

que estamos vivendo no presente. Nuvens carregadas de incertezas nos assombram, principalmente pelo histórico de intermitência da nossa democracia. Vemos ao longo do romance que é indispensável ter “a história na mão”, como canta Geraldo Vandré em “Para não dizer que não falei das flores”, uma das músicas mais emblemáticas de denúncia contra a ditadura. Só a partir da criação dessa consciência histórica é possível pensar estratégias para não deixar que a democracia seja definitivamente apagada da nossa história.